



## CONCEPÇÕES DE LEITURA E A PRÁTICA DE ENSINO DE UMA PROFESSORA

Autor: Michael Gouveia de Sousa Júnior

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, [mikesousajunior@gmail.com](mailto:mikesousajunior@gmail.com)

Orientadora: Ma. Teresa Cristina Vasconcelos

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, [tecriva13@gmail.com](mailto:tecriva13@gmail.com)

**RESUMO :** Este trabalho trata da leitura, enfocando estudiosos da área e uma professora que atua numa escola da rede privada de ensino da cidade de Campina Grande-PB. O objetivo é por em evidência algumas concepções de leitura de estudiosos que embasam teoricamente a atividade de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e mostrar, de acordo com a prática da professora, como a leitura é concebida por ela e trabalhada em turmas de 1º ano desse nível de ensino. Para tanto, recorre-se a autores como Freire (1996), Cocco e Hailer (1999), Lakatos (2003), Martins (2006), Koch e Elias (2010), e a um documento oficial (BRASIL, 1997). A metodologia da pesquisa tem cunho bibliográfico e de campo. A análise dos dados levou a concluir que a professora tem dificuldade para expressar sua concepção de leitura, mas entende a leitura como um processo que vai além das palavras, aproximando-se ao pensamento de Paulo Freire e de ideias de Maria Helena Martins; que ela confunde fundamento com metodologia, entretanto, tem iniciativa de proporcionar leitura diária com todos os alunos, e acompanhá-los individualmente, o que é imprescindível para o sucesso no processo de alfabetização; que diferentes estratégias são utilizadas por ela, revelando a adoção de algumas das propostas didáticas sugeridas pelos PCN, orientadas especificamente no sentido de formar leitores; que conhecer, compreender e refletir sobre concepções de leitura é essencial aos professores para que possam se posicionar e intervir conscientemente nas práticas de leitura que oferecem aos seus alunos.

**Palavras-chave:** Concepções de leitura. Prática de ensino. Professor/a.

### INTRODUÇÃO

A leitura é uma das habilidades mais importantes e necessárias para a comunicação, a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de outras habilidades. Durante muito tempo foi retratada somente pelo viés limitado da decodificação e poucos eram capazes de realizar tal feito. Contudo, a concepção de leitura foi mudando e passou a ser percebida como uma habilidade muito abrangente que engloba diferentes formas de comunicação e de contato com diversas informações. Assim, não há uma única concepção que defina toda a versatilidade da leitura. Há concepções. E



estas são determinadas por conjunturas e objetivos.

Dentre as situações em que ocorre a leitura, uma em particular nos interessa neste trabalho, que é aquela em que crianças se encontram no processo inicial de aprendizagem de ler e escrever.

Preocupa-nos, especialmente, a concepção de leitura da pessoa responsável diretamente por esse processo, uma vez que acreditamos que dessa concepção decorre toda a ação pedagógica.

Com esta compreensão, e na condição de estudante do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/*campus* I), que ministra aulas de reforço a alunos do Ensino Fundamental I, de uma escola particular de Campina Grande-PB, surgiu a ideia de pesquisar sobre este assunto. O objetivo é por em evidência algumas concepções de leitura de estudiosos que embasam teoricamente a atividade de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e retratar como a leitura é concebida e trabalhada em turmas de 1º ano desse nível de ensino, de acordo com a prática de uma professora da referida escola.

## **METODOLOGIA**

Durante aulas de reforço, observando como as crianças leem, percebendo suas dificuldades, e procurando estratégias para ajudá-las a superar, algumas perguntas começaram a aflorar na nossa mente. Dentre elas, uma se tornou o problema de pesquisa: Quais as principais concepções de leitura que embasam teoricamente a atividade de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e como a leitura é concebida e trabalhada por uma professora que atua em turmas de 1º ano desse nível de ensino? Para obter respostas a esses questionamentos iniciamos um estudo sobre leitura e decidimos elaborar uma entrevista contendo questões referentes à formação, concepção de leitura, e prática pedagógica da professora daquelas crianças.

De acordo com Santos, Molina e Dias (2007, p.127), a pesquisa que realizamos, no que se refere a seus procedimentos práticos, tem cunho bibliográfico e de campo. Bibliográfica, pois obteve resultados através de uma busca em materiais publicados, como em Freire (1996), BRASIL (1997), Cócó e Hailer (1999), Lakatos (2003), Martins (2006), Koch e Elias (2010), que oferecem



## CONCEPÇÕES DE LEITURA

A leitura é uma habilidade muito ampla e uma atividade social complexa que não se limita apenas a uma concepção, dependendo do contexto e dos objetivos que justifiquem seu uso, ela abrangerá diferentes concepções.

Segundo Paulo Freire (1996) não existe apenas uma forma de leitura. A leitura de códigos ou da linguagem escrita é aquela que somente se dedica em reconhecer os signos linguísticos da língua. Quando Freire afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, trata-se de uma forma de leitura ampliada em que o texto não se limita apenas a si mesmo, engloba todo um contexto, contexto esse que se refere ao ambiente no qual o leitor está inserido.

A leitura de mundo proposta por Freire é a capacidade de o leitor se reconhecer enquanto sujeito que faz parte do mundo, que está inserido numa sociedade que é composta por diversos aspectos, e é a leitura desses aspectos que ele classifica como leitura de mundo. De acordo com o autor, ser primeiro capaz de ler o mundo facilita a leitura da palavra, pois esta consiste numa decifração do que está escrito e que remete a um mundo particular.

Martins (2006) também partilha da visão Paulo Freire, de que “é preciso saber ler o que há ao nosso redor”, para que a leitura de símbolos flua e aconteça com mais clareza e eficiência. Ela enfatiza que uma pessoa, por não saber decodificar a escrita, não sabe ler. É necessário saber o que nos cerca e lendo o ambiente em que nos situamos adquirimos conhecimento, com esse conhecimento a leitura de decifração é facilmente adquirida.

A autora concebe a leitura em duas perspectivas (MARTINS, 2006, p.31). A primeira, “como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana)”. Já a segunda perspectiva aponta a leitura “como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica)”.

A concepção de leitura apresentada por Martins suscita a problemática de que decodificar sem compreender torna-se inútil. E compreender sem decodificar é impossível. Portanto é preciso que

consideremos essa questão dialeticamente (Idem, p.31-32).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN -

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência (BRASIL, 1997, p.51).

No que se refere a essas outras estratégias que a nossa mente ativa no ato de ler, e por meio das quais extraímos informações, Cócoco e Hailer (1999, p.5-6) as explicitam da seguinte forma:

- **Seleção:** nessa etapa o leitor, de posse de um texto qualquer, seleciona o que ele considera relevante e descarta aquilo que provavelmente dificultará a compreensão do que está sendo lido.
- **Antecipação:** são hipóteses que o leitor elabora antes mesmo de concluir a leitura, e se no decorrer da leitura ele verificar que não aconteceu o que pensava, ele retorna e analisa o que foi lido.
- **Inferência:** são os complementos que o leitor fornece a partir de seus conhecimentos prévios.
- **Auto-regulação:** é a ponte que o leitor faz entre o que supõe (seleção, antecipação, inferência) e as respostas que vai obtendo através do texto.
- **Autocorreção:** quando as expectativas levantadas pelas estratégias de antecipação não são confirmadas, há um momento de dúvida. O leitor, então, repensa a hipótese anteriormente levantada, constrói outras e retoma as partes anteriores do texto para fazer as devidas correções. É o caso do leitor que volta para corrigir a palavra que leu de errado.

Percebe-se que a estratégia que os PCN denominam verificação, Cócoco e Hailer a desmembram em duas que chamam de auto-regulação e autocorreção.

Tratando de concepções de leitura, importa ainda destacar o que afirmam Koch e Elias (2010, p.9): uma concepção de leitura decorre da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote. Assim, o foco poderá ser no autor, no texto ou na interação autor-texto-leitor.

Segundo as autoras, quando o foco é no autor, a língua é concebida como representação do pensamento, o sujeito como senhor de suas ações e de seu dizer, o texto como um produto do pensamento do autor, cabendo ao leitor um papel passivo de apenas reconhecer as intenções do autor. Assim, a leitura

é entendida como atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, [...]. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções (KOCH E ELIAS, 2010, p.9).

Se o foco é no texto, a língua é concebida como código, mero instrumento de comunicação, correspondendo a um sujeito determinado pelo sistema linguístico ou social. Nessa concepção, “o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado.” (KOCH E ELIAS, 2010, p. 10) Logo, “a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, e sua linearidade, uma vez que ‘tudo está dito no dito’” (Idem). Desse modo, a ação do leitor é de simples reconhecimento.

Contrapondo-se às duas concepções anteriores, quando o foco é na interação autor-texto-leitor,

[...] Os sujeitos são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente - se constroem e são construídos no texto**, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variadas tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo [...] dos participantes da interação. [...] **A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**, que se realiza evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH E ELIAS, 2010, p. 10).

Conhecer, compreender e refletir sobre essas concepções de leitura é essencial aos professores para que possam se posicionar e intervir conscientemente nas práticas de leitura que oferecem aos seus alunos.

## PRÁTICA DE UMA PROFESSORA

A professora que colaborou para a realização deste trabalho respondeu as questões de uma entrevista que destaca aspectos de sua formação, tempo de magistério e aqueles relacionados à leitura e à sua prática docente. Ela é graduada em Pedagogia e cursou especialização em Psicopedagogia. Atua no magistério há 20 anos. Há dez anos trabalha numa escola da rede privada de ensino da cidade de Campina Grande-PB. Atualmente, leciona em duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, nos turnos manhã e tarde, somando 42 alunos no total, com faixa etária de cinco a seis anos.

No que se refere à formação, o fato de a professora, além de ter curso de nível superior, ter dado continuidade aos estudos em nível de pós-graduação *latu sensu*, parece demonstrar interesse em se atualizar e aperfeiçoar. Outro dado interessante é o seu tempo e foco de atuação, que revelam experiência na docência, de maneira geral, e especificamente na escola onde atua e à qual se dedica em tempo integral.

Para ensinar a ler é preciso que o professor esteja bem situado quanto à concepção de leitura, pois esta é fator determinante da sua prática para ao desenvolvimento dessa habilidade linguística pelos seus alunos. Sendo assim, é importante e necessário conhecer vários conceitos de leitura que lhe propiciem tomar decisões quanto ao entendimento teórico que norteará a sua ação.

Diante dessa importância e necessidade, iniciamos a entrevista fazendo a seguinte pergunta à professora: Tomando como referência a sua prática docente, o que é leitura? Ao que ela respondeu:

*A leitura não é só palavras, mas também pode ocorrer de formas diferentes, como por exemplo a leitura de imagens.*

Percebemos que a professora tem dificuldade para expressar sua concepção de leitura. Note-se que ela a anuncia com uma declarativa negativa, isto é, dizendo o que a leitura não é. Sem deixar claro o que ela entende por leitura, já passa para os modos de leitura e, quando tenta exemplificá-los, em vez disso, faz referência ao que se lê, no caso, imagens. No entanto, nessa resposta é possível perceber que a professora entende a leitura como um processo que vai além das palavras, aproximando-se ao pensamento de Freire (1996) quanto à importância de ler o mundo para melhor

ler as palavras. Além disso, quando ela afirma que a leitura pode ocorrer de formas diferentes, dando como exemplo a leitura de imagens, vai ao encontro das ideias de Martins (2006) quando esta propõe como sua segunda categoria de leitura, isto é, tomando-a como um processo de compreensão abrangente, no qual são envolvidos componentes diversos desde os sensoriais até os políticos.

Sabendo que a leitura é uma habilidade essencial em qualquer área de atuação numa sociedade grafocêntrica, perguntamos: Em sua opinião, qual a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem? A resposta da professora foi:

*A leitura é muito importante, pois é a base fundamental para adquirir o conhecimento das séries posteriores.*

A resposta revela a crença da professora de que a leitura funciona como o alicerce para a aquisição do conhecimento que será ensinado nas séries posteriores ao primeiro ano. Neste sentido, ela se aproxima, parcialmente, do ponto de vista de Lakatos e Marconi, uma vez que as autoras apresentam essa importância de modo mais ampliado, afirmando:

*A leitura constitui-se em fator decisivo de estudo, pois propicia a ampliação de conhecimentos, a obtenção de informações básicas ou específicas, a abertura de novos horizontes para a mente, a sistematização do pensamento, o enriquecimento de vocabulário e o melhor entendimento do conteúdo das obras. (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 19)*

Com essa visão mais alargada sobre a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem, e tendo que nos conscientizar acerca da função do educador nas práticas de leitura, tendo convicção dos motivos que o levam a tais práticas, perguntamos à professora em que se fundamenta a prática de leitura em suas aulas, e ela respondeu:

*Se fundamenta na leitura diária com todos os alunos, um por um, treino ortográfico e leitura de imagens.*

Essa resposta nos leva a inferir que a professora confundiu fundamento com metodologia, pois, em vez de se referir ao que toma como base para decidir sobre a prática a ser adotada, ela mencionou procedimentos que utiliza para ensinar as crianças a ler. Entretanto, é elogiável a



iniciativa de proporcionar leitura diária com todos os alunos, e mais ainda, com acompanhamento individual, o que é imprescindível para o sucesso no processo de alfabetização.

A nossa inferência se confirma quando pedimos para a professora dizer que estratégias de leitura ela mais utiliza com seus alunos, e ela responde:

*Leitura oral para os alunos, leitura individual aluno e texto e por fim leitura entre professor e alunos.*

De acordo com a resposta é possível asseverar que diferentes estratégias são utilizadas por ela no cotidiano de suas aulas. Essa atitude revela a adoção de algumas das propostas didáticas sugeridas pelos PCN, orientadas especificamente no sentido de formar leitores (BRASIL, 1997, p. 60-64). De forma sintética, são elas:

- Leitura diária: silenciosa; em voz alta (individualmente ou em grupo); pela escuta de alguém que lê;
- Leitura colaborativa: o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas linguísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos;
- Leitura feita pelo professor: possibilita aos alunos o acesso a textos longos que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-los.

Em suas palavras, a professora entrevistada passa a imagem do que é imprescindível em um professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental: que se veja como agente ativo na construção das habilidades leitoras de seus alunos, pois só assim ele assumirá a sua responsabilidade de mediador e construtor de práticas de leituras que, efetivamente, garantam a aprendizagem, na escola e na vida.

## **CONCLUSÕES**

Neste trabalho tratamos da leitura, enfocando concepções de estudiosos, bem como a concepção e a prática de uma professora do primeiro ano do Ensino Fundamental. Ao finalizá-lo, concluímos que: a professora tem dificuldade para expressar sua concepção de leitura, mas é





possível perceber que entende a leitura como um processo que vai além das palavras, aproximando-se ao pensamento de um grande teórico como Paulo Freire e de ideias de uma estudiosa como Maria Helena Martins; que ela confundiu fundamento com metodologia, entretanto, é elogiável a iniciativa de proporcionar leitura diária com todos os alunos, e mais ainda, com acompanhamento individual, o que é imprescindível para o sucesso no processo de alfabetização; que diferentes estratégias são utilizadas por ela no cotidiano de suas aulas, revelando, assim, a adoção de algumas das propostas didáticas sugeridas pelos PCN, orientadas especificamente no sentido de formar leitores.

Concluimos, enfim, que, conhecer, compreender e refletir sobre concepções de leitura é essencial aos professores para que possam se posicionar e intervir conscientemente nas práticas de leitura que oferecem aos seus alunos.

Desse modo, pusemos em evidência algumas concepções de leitura de estudiosos que embasam teoricamente a atividade de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e mostramos como a leitura é concebida e trabalhada em turmas de 1º ano desse nível de ensino, de acordo com a prática de uma professora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1997.

CÓCCO, Maria Fernandes e HAILER, Marco Antonio. **Alp novo**: análise, linguagem e pensamento. São Paulo: FTD, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 32ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3 ed., 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 13ª reimpr. da 19 ed. de 1994. São Paulo: Brasiliense, 2006.



SANTOS, Gisele do Rocio Cordeiro Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos.** Curitiba: Ibpex, 2007.